

**Os “menes” sob uma perspectiva semiótica:  
um estudo de caso das publicações do “Site dos Menes – O grupo”**

*“Menes” from a semiotic perspective:  
a case study on publications at “Site dos Menes - O grupo”*

Clara Celina Ribeiro da ROSA<sup>1</sup>

## **Resumo**

O presente trabalho investiga a semiose por trás de publicações humorísticas denominadas “menes”, termo originado pela página Site dos Menes que tem sido cada vez mais disseminado no contexto comunicacional brasileiro. Para tanto, foram recolhidas três publicações do “Site dos Menes – O grupo” e analisadas conforme os conceitos da semiótica de Charles Sanders Peirce apresentados por Lúcia Santaella (1983, 2000, 2007). Desse modo, o artigo aponta a complexidade semiótica dos “menes”, diferenciando-os de “memes” e trocadilhos e propõe uma investigação mais aprofundada sobre tal definição.

**Palavras-chave:** Mene. Meme. Semiótica. Humor. Comunicação.

## **Abstract**

This work consists of a semiotic investigation into the social media humoristic publications known as “menes”, a term that has been increasingly spreading in the Brazilian communication context, coined by the popular facebook page “Site dos Menes”. To that end, three publications from “Site dos Menes – O grupo” were collected and analyzed according to Charles Sanders Peirce's semiotics concepts as presented by Lúcia Santaella (1983, 2000, 2007). In doing so, this article points out the semiotic complexity of “menes”, and establishes the key differences between “menes”, “memes” and puns. Finally, it calls for a more thorough inquiry into the “mene” definition.

**Keywords:** Mene. Meme. Semiotic. Humour. Communication.

## **Introdução**

Considerando a crescente importância de produções humorísticas no contexto comunicacional brasileiro contemporâneo, o presente trabalho investiga os processos de semiose existentes em publicações denominadas “menes”. Para tanto, traça-se estudo de

---

<sup>1</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: claraa\_1995@hotmail.com

caso no qual se analisa três das publicações mais relevantes postadas no mês de dezembro de 2017 na página do Facebook “Site dos menes – O grupo”.

O termo “mene” foi originado pelo “Site dos Menes”, portal brasileiro existente desde 2012, e embora não existam definições específicas sobre a natureza de tal conceito, sabe-se que diferencia-se dos “memes” inicialmente estudados por Richard Dawkins (1976).

Sendo assim, em um primeiro momento é introduzida a definição de “meme”, conforme as propostas de Dawkins (1976) e de Raquel Recuero (2006), e em seguida o “Site dos Menes” é apresentado. Debate-se sobre o conceito de “mene” a partir de publicações feitas pelos moderadores e de discussões presentes no grupo do Portal, e assim se inicia uma discussão sobre a constituição dos “memes” e dos “menes”, na qual são apontadas diferenças e semelhanças entre ambos os termos.

Em seguida, são apresentados os elementos da semiótica de Charles Sanders Peirce, os quais são utilizados como base analítica para o estudo de caso das publicações do “Site dos Menes – O grupo”. Desse modo, são identificados os possíveis objetos imediatos e dinâmicos existentes nas publicações selecionadas como objetos de análise e os signos e interpretantes gerados a partir delas. Por fim, aponta-se a complexidade semiótica contida na produção de “menes” e propõe-se uma elaboração mais completa do termo.

## **“Memes” e “Menes”: semelhanças e diferenças**

Os “memes” foram inicialmente estudados por Richard Dawkins (1976) que relacionou o termo à replicação de ideias que se configurariam como “genes culturais”. Tais “memes” poderiam ser classificados conforme a longevidade, a fecundidade e a fidelidade das cópias, características essas que se relacionam sempre à capacidade de propagação viral. No ciberespaço, o processo de produção de “memes” se tornou mais nítido por meio de conteúdos humorísticos produzidos e replicados pelos internautas.

Raquel Recuero (2006), ao estudar a propagação de “memes” no ciberespaço, propôs inclusive novas classificações dentre as anteriormente elaboradas por Dawkins (1976), apontando que quando observados de acordo com a longevidade, essa pode ser persistente (quando os “memes” são replicados por muito tempo) ou volátil (possuem

pouca duração); a fecundidade pode ser epidêmica (se espalham em grandes redes) ou fecunda (se espalham por grupos pequenos); e a fidelidade à cópia pode ser replicadora (sofrem poucas alterações), metamórfica (são totalmente alterados) ou mimética (modificam-se, mas a estrutura permanece a mesma). (RECUERO, 2006, p. 122-129). Além disso, Recuero (2006) adicionou a capacidade de alcance à classificação, a qual pode se subdividir em global e local.

Globais – São memes que alcançam nós que estão distantes entre si dentro de uma determinada rede social, não sendo necessariamente fecundos. Eles simplesmente aparecem em pontos não próximos. São memes que trafegam mais pelos laços fracos [...] e que não possuem uma conexão direta com a interação social entre leitores e blogueiros.  
Locais – São memes que ficam restritos a uma determinada vizinhança de weblogs, sendo associados aos laços fortes [...] e à interação social. Ou seja, são memes que são propagados por pessoas mais próximas e que interagem com mais frequência. Memes locais ficam prioritariamente restritos a poucos nós da rede, mas podem tornar-se globais no decorrer do tempo. (RECUERO, 2006, p. 128 – 129)

No presente trabalho, no entanto, pretende-se investigar o conceito de “menes” proposto pela página “Site dos Menes” no ciberespaço, os quais, muito semelhantes aos “memes”, também possuem conotação humorística, mas não se conectam à capacidade de réplica. Pelo contrário, enquanto os “memes” possuem como objetivo a disseminação viral, os “menes” prezam pela originalidade e criatividade do autor, que busca novos sentidos fazendo uso da polissemia e da metatextualidade.

Dessa forma, se fossem observados como uma variação dos “memes”, conforme a classificação proposta por Recuero (2006), os “menes” poderiam ser considerados produções locais, não possuindo tão amplo alcance, pois parecem se referir a produções culturais específicas que buscam novos significados dentre símbolos compartilhados pelo grupo no qual são originados.

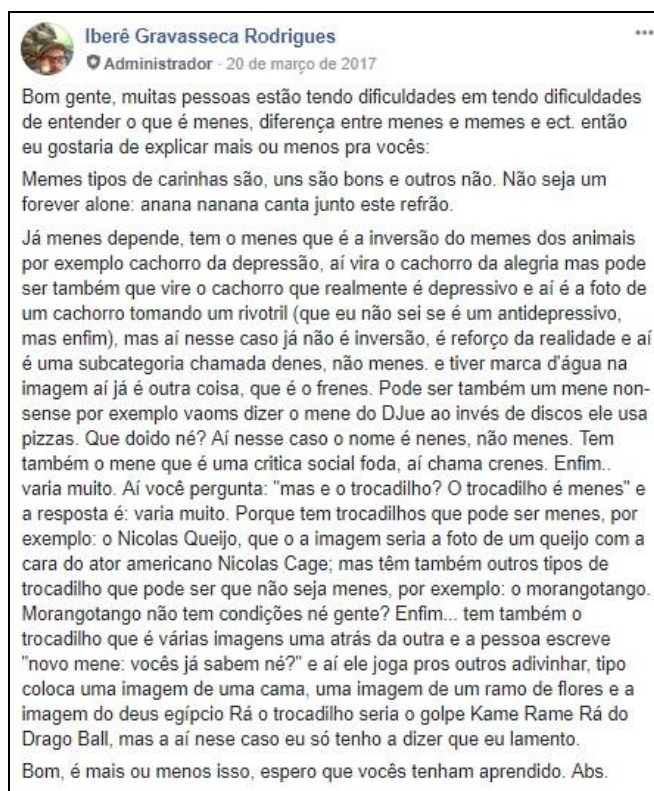
Para exemplificar tais diferenciações, o “Site dos Menes” será apresentado e serão analisadas algumas produções compartilhadas no “Site dos Menes – O grupo”.

## O “Site dos Menes”

O “Site dos Menes” surgiu em 2012 por meio de uma página<sup>2</sup> na plataforma Tumblr, a qual em seguida deu origem a uma página na rede social Facebook, que hoje possui 1 milhão de curtidas; e a um grupo fechado, hoje com cerca de 216 mil membros. Foi por meio do Site que surgiu o termo “mene”, o qual é constantemente utilizado como contraposição ao termo “meme” pelos internautas, ainda que não sejam formuladas definições específicas sobre tais conceitos.

Em breve pesquisa pelo grupo “Site dos Menes – O grupo” no Facebook, é possível encontrar as seguintes explicações elaboradas pelos administradores<sup>3</sup>:

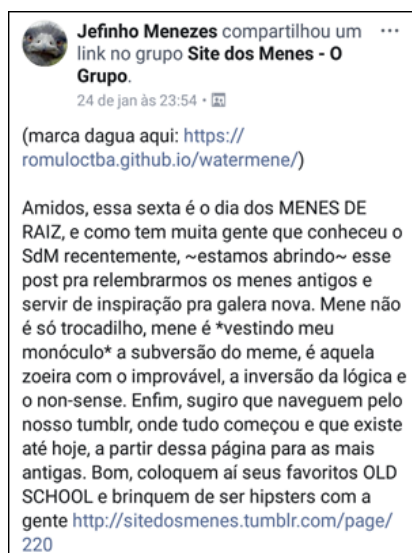
Figura 1: Recorte de publicação retirada do “Site dos Menes – O grupo” no Facebook.



<sup>2</sup> <http://sitedosmenes.tumblr.com/>

<sup>3</sup> Considerando que o “Site dos menes – O grupo” trata-se de um grupo fechado, segundo as configurações de privacidade do Facebook, todas as publicações dele retiradas foram utilizadas mediante autorização dos autores.

Figura 2: Publicação que aborda o conceito de “mene”



Conforme pode-se perceber, as explicações sobre o conceito de “mene” costumam envolver brincadeiras por parte dos internautas, no entanto, as diferenciações entre “menes” e “memes” e entre “menes” e trocadilhos são frequentemente abordadas.

Vladimir Propp (1992) aponta que os trocadilhos, também chamados de calembures são “uma brincadeira baseada no emprego cômico de palavras semelhantes quanto ao som, mas diferentes quanto ao significado” (ÓJEGOV apud PROPP, 1992, p. 120), de acordo com a definição do dicionário de língua russa. Nesse caso, pode-se inferir que o que diferencia um “mene” de um trocadilho é a metatextualidade que os “menes” pretendem abarcar por meio de um humor reflexivo que conecta textos diversos a partir da interpretação, o que não necessariamente ocorre somente com a troca de palavras.

Em algumas publicações do grupo, também é possível encontrar o termo “meme” sendo utilizado com caráter pejorativo pelos membros do grupo, os quais apontam que os “menes” não devem ser transformados em “memes”. No entanto, conforme aponta Nathalia Menezes (2017) tal transformação é possível na medida em que muitos “menes” são replicados por internautas que não possuem conhecimento dos signos repassados pelos mesmos, transformando-se em “memes”.

Entretanto, apesar das diferenças, transformações podem acontecer. Menes que fazem muito sucesso acabam sendo muito compartilhados

e vistos por pessoas que não entendem a proposta da página. Esse foi o caso do mene “Cachorro do deixa disso”, que apesar de ter nascido um mene sobre um cachorro que evita conflitos acabou virando uma imagem que várias pessoas compartilhavam para apartar brigas. Ou seja, acabou virando um meme. (MENEZES, 2017)

Dessa forma, pode-se dizer que os “menes” possuem conexões simbólicas (convenções sociais) mais específicas do que os “memes”, o que acaba por impedir sua replicação viral. E quando os mesmos são replicados, acabam por assumir significações diversas da sua origem, deturpando sua conotação inicial e, portanto, tornando-se um “meme”.

Sendo assim, os “menes” podem dar origem a “memes” à medida que origina ideias que podem ser posteriormente propagadas e terem seu significado inicial deturpado. No entanto, a definição de “mene” está condicionada ao seu significado anterior à propagação.

De maneira semelhante, um “meme” pode dar origem a um “mene”, pois um internauta pode pegar uma ideia que foi replicada e a partir dela originar um conteúdo que envolva novos símbolos, os quais podem se relacionar a grupos e/ou conhecimentos mais específicos.

Conforme aponta Sékula (2016) “os memes vão ganhando novas versões e significados na medida em que circulam” (SÉKULA, 2016, p. 105), podendo ser considerados replicadores, metamórficos ou miméticos, conforme Recuero (2016), anteriormente citada. Ou seja, a modificação está pressuposta na definição de “meme”, mas não na definição de “mene”, uma vez que o segundo abarca potencial especificamente mais reflexivo já em sua produção.

De certa forma, pode-se dizer que a origem de um “mene” se relaciona a um processo de transmutação simbólica a partir da reflexão sobre símbolos já socialmente estabelecidos, enquanto o “meme” se refere ao processo de estabelecimento de ideias/símbolos sociais.

Ressalta-se que o termo “mene” foi elaborado pelo “Site dos Menes”, sendo utilizado somente no Brasil. Menezes (2017) aponta ainda que o conceito de “Dank Memes” pode se aproximar de tal definição no contexto internacional, no entanto, seriam necessárias maiores investigações sobre as semelhanças entre os conteúdos.



No presente trabalho serão investigadas algumas produções do “Site dos Menes – O grupo” no Facebook a partir de conceitos propostos pela semiótica de Charles Sanders Peirce. A partir dessa análise, pretende-se esclarecer melhor a produção de sentido em torno dos “menes” elaborados no ciberespaço.

## **Signos, objetos, interpretantes e experiência colateral**

Para que a análise dos “menes” selecionados possa ser feita de acordo com a semiótica de Charles Sanders Peirce, torna-se necessário apresentar os elementos que a constituem. Dessa forma, nesse capítulo os conceitos de signo, objeto, interpretantes e experiência colateral serão introduzidos de acordo com os estudos de Lúcia Santaella (1983, 2000, 2007).

Conforme aponta Santaella (2000) ao estudar a semiótica de Peirce, o signo funciona como um mediador entre um objeto e um interpretante. Ou seja, a partir de um objeto — que não precisa ser um “objeto concreto e singular”, podendo ser um conjunto, um evento ou uma ideia (SANTAELLA, 2000, p. 15) — origina-se um signo e a partir desse signo originam-se interpretantes. Conforme Peirce:

Defino um Signo como qualquer coisa que, de um lado, é assim determinada por um Objeto e, de outro, assim determina uma ideia na mente de uma pessoa, esta última determinação, que denomino o Interpretante do signo, é, desse modo, mediatamente determinada por aquele Objeto. Um signo, assim, tem uma relação triádica com seu Objeto e com seu Interpretante (8.343). (PEIRCE apud SANTAELLA, p. 12, 2000)

É importante ressaltar que Peirce acreditava que os possíveis signos e interpretantes são elaborados a partir dos objetos, não dependendo da ação de um intérprete. Dessa forma, um signo caracteriza-se mais pela relação triádica que estabelece do que por um ato de interpretação, conforme Santaella: “Peirce afirmou: ‘Não é necessário que o interpretante deva realmente existir. Um ser in futuro será suficiente’” (SANTAELLA, 2000, p. 13).

Santaella (2000) também aponta que os signos podem ser divididos em três modalidades, conforme sua relação com o objeto. Dessa forma, um signo pode ser um ícone, quando se relaciona ao objeto a partir de qualidades ou semelhanças; um índice,

quando se relaciona ao objeto a partir de uma “correspondência de fato ou relação existencial” (SANTAELLA, 2000, p. 17); ou um símbolo, quando a correspondência com o objeto se dá a partir de “um caráter imputado, convencional ou de lei” (SANTAELLA, 2000, p. 17).

O conceito de objeto, por sua vez, pode ser dividido em imediato e dinâmico. O objeto imediato refere-se à forma com que os signos são representados, enquanto o objeto dinâmico refere-se ao signo em sua concretude, a qual é inapreensível em totalidade.

Embora a semiótica de Peirce possua base fenomenológica, indicando que a natureza dos signos se dá independente da consciência humana, conforme pressupõe o que ele chama de interpretante imediato, relacionado ao potencial do signo em si mesmo, a produção de interpretações particulares não é ignorada. Estas são relacionadas ao “significado psicológico do signo”, ou seja, o encontro do signo com uma mente interpretativa particular recebe o nome de interpretante dinâmico, “sendo o único interpretante que funciona diretamente num processo comunicativo” (SANTAELLA, 2000, p. 73) e, portanto, será a partir dele que as análises serão aqui elaboradas.

O interpretante dinâmico se subdivide em emocional, energético e lógico. O interpretante emocional se relaciona a qualidades de sentimento, o energético a dispêndios de energia física ou mental, e o lógico a regras interpretativas internalizadas. Ademais, existe ainda o interpretante final, que não simboliza um fim propriamente dito, mas o desenvolvimento constante da semiose (SANTAELLA, 2000).

Além disso, o conceito de experiência colateral será muito utilizado, o qual se refere à experiência prévia que os indivíduos possuem com os signos.

## **As publicações do “Site dos Menes – O grupo”**

Como objeto de análise, foram selecionadas três publicações que obtiveram repercussão significativa no grupo do “Site dos Menes” durante o mês de dezembro de 2017, recebendo milhares de curtidas. Abaixo, as publicações serão apresentadas e analisadas sequencialmente. Primeiramente, serão identificados os principais objetos imediatos e dinâmicos de cada publicação, e posteriormente se discutirá a produção de possíveis signos e interpretantes.



## Publicação 1:

*Figura 3: Novo mene: A pessoa q adorava corrigir erro de Português*



O “mene” acima foi postado por Lucas Gabriel no dia 06 de dezembro de 2017 e obteve 11 mil curtidas. Pode-se perceber como característica marcante no “mene” a presença de metatextualidade, pois a referência à “pessoa que adorava corrigir erro de português” comumente implica em um indivíduo que aborda questões gramaticais, no entanto, o “mene” aponta outra possível leitura para tal personagem, trazendo questões históricas.

Dessa forma, o “mene” ilustra a diferença entre objeto dinâmico e objeto imediato. Enquanto o objeto dinâmico se refere a um personagem que corrige erros gramaticais, o humor surge ao representar um personagem que corrige erros históricos como objeto imediato.

Tal leitura também pode ser visualizada a partir do que se entende por “erro de português”, a qual se conecta à presença de experiências colaterais do leitor. É mais fácil que tal expressão seja relacionada à correção gramatical por ser uma experiência comum na contemporaneidade e é necessário que se possua tal experiência para que o “mene” seja compreendido. No entanto, é também necessário que se tenha conhecimentos históricos para compreender o personagem fictício elaborado a partir do objeto imediato.

A metatextualidade do “mene” acima implica, portanto, na conexão entre elementos simbólicos com temporalidades diversas, produzindo conteúdo humorístico a partir da conexão entre símbolos que remetam ao presente e ao passado.

## Publicação 2:

*Figura 4: Novo Mene: O Fred ciumento que solta seu bordão ao descobrir algo que não gostou*



O “mene” acima foi postado por Rafael Jordão no dia 21 de dezembro e obteve 7,2 mil curtidas. O caráter humorístico do “mene” surge da união entre elementos culturais com temporalidades diversas. O desenho dos The Flintstones foi elaborado por William Hanna e Joseph Barbera e transmitido originalmente de 1960 à 1966 pela American Broadcasting Company (ABC), sendo “Aba da Badoo” o bordão utilizado pelo personagem Fred, marido da personagem Wilma. No entanto, contemporaneamente, existe um site de relacionamentos chamado Badoo fundado em 2006 pelo empreendedor russo Andrey Andreev. Ao inserir um computador às imagens do personagem Fred dos Flintstones, ocorre uma modificação metatextual no sentido do bordão dito pelo personagem.

Dessa forma, embora o objeto dinâmico remeta ao bordão do personagem, o objeto imediato o representa de outra forma. Pode-se dizer que a metatextualidade do

“mene” surge a partir de um trocadilho, já que aparece a partir de elementos textuais com mesma entonação e grafia e diferentes significados. No entanto, seu humor vai além de tal aproximação, traçando conexão entre elementos temporais e culturais distintos, não sendo, portanto, puramente linguístico.

Novamente são necessárias experiências colaterais para a compreensão efetiva do texto, pois é preciso ter conhecimento sobre os elementos do desenho e também do site de relacionamentos Badoo.

### Publicação 3:

*Figura 5: Novo Mene: Eu mesmo*



O “mene” “eu mesmo” postado por Gabriel Ovídio obteve 4,9 mil curtidas e estimulou outros usuários a elaborarem menes que remetessem a si mesmos. No “mene” de Gabriel, percebe-se que o humor surge da brincadeira com seu sobrenome “Ovídio”, pois ele faz uma montagem com sua foto, na qual acrescenta o ícone de vídeo.

Pode-se dizer que o “mene” de Gabriel é sobretudo uma brincadeira linguística, pois traduz seu próprio nome para uma linguagem visual por meio da utilização do ícone de vídeo. De todo modo, para que o “mene” seja compreendido, é necessário ter conhecimento do signo que remete à existência de um vídeo. Nos comentários da publicação, muitos usuários tentaram clicar sobre o ícone para visualizar o vídeo, sem perceber que se tratava apenas de uma montagem.

Neste “mene”, portanto, pode-se perceber a utilização de símbolos, pois o ícone de vídeo remete à forma linguística originada a partir da convenção social; mas uma relação icônica também se estabelece a partir de qualidades, uma vez que se pressupõe ser um vídeo somente pelo ícone, mas trata-se de uma montagem. A composição como um todo, contudo, pode também ser considerada um índice verbal, pois remete ao Gabriel Ovídeo, autor e objeto dinâmico do “mene”.

Embora possua tantas relações sígnicas, pode-se dizer que o “mene” “eu mesmo” não possui tantas conotações metatextuais relacionadas à temporalidade ou a eventos diversos quanto os “menes” anteriormente apresentados. Dessa forma, aproxima-se mais da definição de trocadilho, pois o humor do “mene” baseia-se na similaridade fonética entre “o vídeo” e “Ovídio”, ainda que traga a diferenciação entre o objeto dinâmico (Gabriel Ovídio, pessoa) e o objeto imediato (a imagem de um possível vídeo de Gabriel).

Além disso, conforme apontou-se, o “mene” “eu mesmo” deu origem a inúmeras outras produções por parte dos internautas pertencentes ao grupo, desencadeando uma reação que pode ser considerada memética — e geradora de interpretantes energéticos — fazendo com que diversos usuários originassem seus próprios “menes” “eu mesmo”, conectando seus nomes a outros textos. Dessa forma, pode-se dizer que o “mene” foi transformado em “meme”. Ainda que tenha permanecido um ideal de originalidade na produção de novos “menes” “eu mesmo”, a ideia central foi estabelecida como “eu mesmo”, atribuindo maior importância à capacidade de réplica.

## **Os signos e interpretantes despertados por meio das publicações**

A partir da análise das publicações do grupo Chat dos Menes, pode-se dizer que os signos existentes nos “menes” encaixam-se majoritariamente na concepção de símbolos, pois são elaborados a partir de convenções sociais. No entanto, eles também evocam ícones e índices, pois brincam com questões sensoriais e podem originar relações de correspondência a objetos dinâmicos.

No segundo “mene” analisado, por exemplo, a metatextualidade foi originada a partir da semelhança entre a entonação e grafia da fala do personagem “ABA DA BADOO” — a qual originalmente não possui sentido lógico — com a concepção de

uma aba do navegador da internet na qual o site de relacionamentos Badoo está sendo utilizado. Tal relação de semelhança se dá a partir de qualidades auditivas e visuais, podendo ser considerada icônica.

Conforme foi evidenciado na análise da Publicação 3, os “menes” também podem configurar relações indiciais, pois criam metáforas que correspondem a objetos dinâmicos. Ainda que metáforas possam ser consideradas ícones quando expressam qualidades de sentimento e situações impossíveis, tais como a expressão “olhos oceânicos” (SANTAELLA, 1983), no caso da Publicação 3 trata-se de uma metáfora elaborada a partir de um objeto dinâmico, estabelecendo relação indicial — ao se decifrar o “mene” “eu mesmo”, chega-se ao seu autor, Gabriel Ovídio, enquanto pessoa e objeto dinâmico.

A partir desse processo de semiose, evidencia-se também a produção de interpretantes dinâmicos por parte dos autores e leitores de “menes”. Interpretantes esses que podem ser emocionais, tendo em vista que a repercussão de “menes” estimula percepções qualitativas e estéticas do humor, conforme demonstrou-se da publicação 2.

Podem ser energéticos, uma vez que estimula a reação dos leitores, os quais se manifestam curtindo a publicação, rindo da publicação ou mesmo produzindo novos “menes”, conforme ocorreu no caso da publicação 3, que gerou uma reação em massa e diversos membros do grupo publicaram “memes” a partir da ideia do “mene” “eu mesmo”. E podem ser interpretantes lógicos, uma vez que desencadeia interpretações, concepções, análises e sentidos.

## **Resultados e discussão**

Por meio da análise das publicações “Site dos Menes – O grupo”, observa-se que a metatextualidade é uma característica fundamental dos “menes”, de forma que embora eles possam ser introduzidos por meio de trocadilhos, os objetivos deles vão além disso, instigando a conexão entre diferentes textos, eventos ou situações.

A partir da metatextualidade, os “menes” permitem a elaboração de críticas e reflexões, tal como ocorre na publicação 1, que utiliza um personagem da psique coletiva contemporânea para elaborar uma crítica histórica. Ou mesmo na publicação 2, que a partir de um desenho animado dos anos 60 encontra elementos para elaborar

conteúdo humorístico que reflete sobre situações de ciúme existentes da contemporaneidade.

Dessa forma, se pensarmos de acordo com definições que distinguem a sátira e o humor pelo fato de que a primeira se conecta mais à crítica e à denúncia social, enquanto o segundo se apresenta “de forma indireta, sutil” (CORREIA, 1997) e por meio de um “riso assim chamado simples, habitual” (PROPP, 1992, p. 186), pode-se dizer que o “mene” possui caráter mais satírico do que o “meme”, embora ambos tenham a intenção de divertir e possam agir como ferramenta crítica.

Um dos pontos mais claros de distinção entre “memes” e “menes”, portanto, está no fato de que os “menes” não se caracterizam pela réplica, comprometendo-se com um ideal de originalidade e até mesmo de reflexão da metatextualidade. Os “memes”, por sua vez, costumam ser elaborados a partir de uma ideia comum. Foram selecionados alguns memes irônicos e reflexivos para exemplificar tal contexto (figuras 6 e 7):

Figura 6: Recorte de “memes” “Willy Wonka”<sup>4</sup>



<sup>4</sup> Os “memes” “Willy Wonka” foram retirados dos sites seguintes:  
<https://www.meme4fun.com/view.aspx?img=d1fc27d8-af98-4021-b7c3-0d7d00647b31.jpg>  
<http://geradormemes.com/character/willywonka>



Figura 7: Recorte de “memes” “Expanding Brain”<sup>5</sup>



Observando as figuras 6 e 7, que retratam os “memes” “Expanding Brain” e “Willy Wonka”, evidencia-se que embora eles tragam reflexões cotidianas e existenciais, ambos são replicados a partir de uma ideia comum, de forma que as situações retratadas se adaptam a um contexto pré-elaborado. Trata-se de um processo semelhante ao que sucedeu o “mene” “eu mesmo” de Gabriel Ovídio, no qual os usuários pensaram em diversas situações, mas sempre encaixando-as à ideia do “eu mesmo”.

Sendo assim, ressalta-se que os conceitos de “meme” e “mene” ainda estão em processo de estruturação e muitas observações relacionadas ao estudo dos “memes” aplicam-se também aos “menes”. Pode-se, por exemplo, dizer que ambos exercem importante papel social na contemporaneidade, seja por meio do caráter humorístico, pois conforme aponta Propp (1992):

Nas condições de nossa realidade o riso comum de alegria, em particular o riso coletivo, tem um significado social indiscutível [...] Os palhaços, que levam a rir cordial e alegremente uma multidão de milhares de pessoas de modo que elas saiam do circo divertidas e satisfeitas, cumprem uma função social bem definida e útil, que pode estar ou não ligada ao tema do desmascaramento. (PROPP, 1992, p. 189)

<sup>5</sup> Os “memes” “Expanding Brain” foram retirados dos sites seguintes: <https://dailylofpics.com/expanding-brain-memes> <https://www.facebook.com/ExpandingBrainMeme/>



Ou por meio da crítica social, já que ambos podem agir como “expressão de contrapoder” (SÉKULA, 2016, p. 192) trazendo novas vozes aos debates, sejam esses políticos, filosóficos ou cotidianos.

## **Considerações finais**

Por meio da análise das publicações do “Site dos Menes – O grupo” pode-se dizer que os “menes” se caracterizam como um exercício prático de semiótica, abrangendo diversas camadas de produção sócio-cultural, uma vez que originam ícones, índices e símbolos, a partir de relações de semelhanças, correspondências e/ou culturais.

Percebeu-se também que os memes são capazes de proporcionar os três níveis de interpretação aos internautas, uma vez que estimulam a produção de interpretações emocionais, gerando qualidades de sentimento; energéticas, estimulando reações; e lógicas, estimulando o raciocínio.

Esse exercício semiótico não acontece à toa, mas quase propositalmente. A graça dos “menes” está justamente em conseguir desbravar sentidos por trás de símbolos conhecidos, unindo metatextualmente objetos e situações diversas. Pode-se também dizer que o humor dos “menes” surge da incoerência entre objeto imediato e dinâmico, uma vez que remete a objetos culturalmente conhecidos através das experiências colaterais dos leitores, mas os representa de forma diversa.

Evidenciou-se que os “menes” podem abarcar trocadilhos ou mesmo surgir por meio deles, mas também diferenciam-se, pois seus aspectos cômicos não se limitam à substituição de palavras com significados diferentes e sons semelhantes, mas sim da procura por elementos semelhantes em contextos diferentes, conforme o “mene” da publicação 1 exemplifica ao brincar com o sentido da expressão “erro de português”.

Dessa forma, o “mene” abarca diversas camadas de humor. A primeira delas, podendo ocorrer a partir de ícones, como ocorre com os trocadilhos, uma vez que esses utilizam questões fonéticas e visuais, traçando qualidades. Mas podendo também se manifestar por meio de relações indiciais, já que brinca com objetos imediatos e dinâmicos; e simbólicas, pois estimula a reflexão.

Constatou-se também que os “menes” diferem-se da proposta dos “memes” a medida que sua graça não ocorre a partir da réplica de uma ideia que pode ser posteriormente modificada, mas justamente da modificação de uma ideia que não deve ser copiada, buscando sempre um ponto de vista novo e original. O “mene” não é a reutilização de uma ideia, mas a criação de uma ideia.

É claro que, conforme foi abordado, pode-se criar uma ideia a partir de uma ideia já existente e replicada, assim originando um “mene” a partir de um “meme”. E pode-se também copiar uma ideia original, dando origem a novas produções semelhantes, assim originando um “meme” a partir de um “mene”. Portanto, é necessário ter cuidado ao analisar o processo de produção dos conteúdos humorísticos antes de qualificá-los como “memes” ou “menes”.

Ressalta-se, contudo, que a presente pesquisa teve como objetivo investigar o conceito de “menes” a partir do estudo de caso de três publicações do “Site dos menes – O grupo”, sem desconsiderar a importância de desenvolver novos estudos que se proponham a investigar o processo de construção dos “menes” de forma mais aprofundada.

Além disso, acredita-se ser necessário observar a evolução do conceito de “menes” no contexto brasileiro, uma vez que se trata de uma elaboração relativamente nova e ainda pode vir a se desenvolver melhor.

## Referências

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Editora Companhia das Letras, 2017.

MENEZES, Nathalia. **Qual é a diferença entre um Meme e um Mene?** Um guia feito pros internautas que estão cansados de se confundir. 2017. Disponível em: <https://medium.com/etnodigital/qual-%C3%A9-a-diferen%C3%A7a-entre-meme-e-mene-849801b1e3d3> Acesso em: 24 de Maio de 2018.

PROPP, Vladimir. **Comichidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo, SP: Editora Ática S.A., 1992.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 1983.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. Pioneira, 2000.

SÉKULA, Ricardo José, et al. **Os memes como exercício de contrapoder a discursos político-midiáticos**: uma reflexão a partir dos debates eleitorais de 2014. 2016.